

Descrevendo e rastreando modos de experienciar
Discussões teórico-metodológicas desenvolvidas a partir de um
trabalho de campo no / do Twitter

Dalila Floriani*

RESUMO: Este artigo é um desdobramento de meu Trabalho de Conclusão de Curso desenvolvido com vinculação ao GrupCiber – Grupo de Estudos em Antropologia do Ciberespaço integrado à Universidade Federal de Santa Catarina. O trabalho procurou identificar e descrever algumas interações ocorridas no chamado ciberespaço a partir da experiência ao realizar um trabalho de campo que se configurou na utilização pessoal do *Twitter*, o qual pode ser considerado uma das ferramentas comunicativas com grande número de usuários nos dias atuais. Adota-se como perspectiva a Teoria do Ator-Rede (TAR), de Bruno Latour, e o *(re)fazer etnográfico* ao *experienciar* a criação e manutenção de um perfil no *Twitter*. Neste artigo discutem-se as principais questões teórico-metodológicas suscitadas na realização do trabalho.

Palavras-chave: Internet; Teoria do Ator-Rede; Sociotécnico; Ciberespaço, Questões Teórico-Metodológicas.

Apresentação

Este artigo se apresenta como um esforço de sistematização das reflexões teórico-metodológicas realizadas em meu Trabalho de Conclusão de Curso desenvolvido¹ com o objetivo de refletir acerca das relações empreendidas e estabelecidas a partir do chamado ciberespaço. Tal interesse é suscitado pela percepção de que a utilização da internet, enquanto meio de sociabilidade, é crescente;

* Licenciada em Ciências Sociais pela Fundação Universidade Regional de Blumenau. Bacharel em Ciências Sociais (UFSC). Membro do GrupCiber – Grupo de Estudos em Antropologia do Ciberespaço (UFSC).

bem como a emergência de *dispositivos* que permitem (e modificam) interações *virtuais*. Os estudos dedicados a pensar essas interações são denominados, na antropologia, como *cibercultura*, que é entendida aqui “como categoria referente às configurações socioculturais contemporâneas articuladas por tecnologias e redes digitais”, definição apresentada pela Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura (ABCiber)². Nesse sentido, os estudos de cibercultura abrem a possibilidade de refletir acerca da conjugação de novas tecnologias, novas mídias e seus diversos usos a partir do *ciberespaço*.

O GrupCiber (Grupo de Estudos em Antropologia do Ciberespaço da UFSC), desde o início de suas pesquisas, tem como uma de suas preocupações centrais justamente essa reflexão. Guimarães (1999), ao discutir o ciberespaço como um cenário para as ciências sociais, afirma que esse termo pode ser “definido como *locus* virtual criado pela junção das diferentes tecnologias de telecomunicação e telemática, em especial, mas não exclusivamente, as mediadas por computador”, e que o ciberespaço assim definido

configura-se como um *locus* de extrema complexidade, de difícil compreensão em termos gerais, cuja heterogeneidade é notória ao percebermos o grande número de ambientes de sociabilidade existentes, no interior dos quais se estabelecem as mais diversas e variadas formas de interação, tanto entre homens, quanto entre homens e máquinas e, inclusive, entre máquinas.³

Desafiar-se a pensar o *ciberespaço* é, portanto, estar atento à heterogeneidade desse *locus*, aceitar a prerrogativa de variabilidade das interações é abrir-se a um campo de estudos intensamente dinâmico e que exige repensar a própria prática de pesquisa constantemente⁴.

No interior das muitas inovações que podem ser percebidas no ciberespaço, uma das que tem gozado grande destaque e utilização, seja pelo elevado e crescente número de usuários que computa, seja a partir da intensa utilização que muitos atores dispensam, seja ainda pela quantidade de informação que é gerada, é o **Twitter**⁵.

O Twitter é, normalmente, caracterizado como um “serviço de microblog” por permitir mensagens curtas e atualizações rápidas. O’Reilly e Milstein⁶ o definem como

um serviço de mensagens que tem as mesmas características que outras ferramentas de comunicação que você já utiliza. Possui elementos similares ao e-mail, MSN, mensagens de texto, blogs, RSS,

redes sociais, entre outros. Mas alguns poucos fatores, particularmente combinados o transformam em uma ferramenta única (p. 15).

A opção pela escolha do Twitter como “objeto” ou ponto de partida desse estudo esteve situada nas imensas e intensas possibilidades que podem ser criadas e seguidas a partir dos usos. Além de que o Twitter, contemporaneamente, é um dispositivo que conta com intensa, numericamente, utilização e potencializa singulares e inúmeras dimensões vivenciais da experiência na internet (RIFIOTIS, 2008). Como o Twitter goza de intensa mobilidade⁷ e é possível que encontremos conexão de internet sem fio em muitos lugares – inclusive ambientes públicos, como *shoppings*, cafés, Universidades, até mesmo em praças públicas –, assim como temos computadores portáteis e com baterias, podendo-se ter autonomia em relação às fontes de energia elétrica por várias horas.

O objetivo central do presente trabalho situou-se na descrição da experiência que desenvolvi ao longo do trabalho de campo, que consistiu em seguir as sugestões presentes no “plano de 30 dias para dominar o Twitter” do livro “O poder do Twitter: Estratégias para dominar seu mercado e atingir seus objetivos com um *tweet* por vez”⁸ de Joel Comm e Ken Burgue. Para cada um dos trinta dias do guia há atividades e sugestões específicas para construir um “Twitter poderoso” – que seria um Twitter “popular”, com muita adesão.

“Seguir” esse guia pareceu uma proposta interessante como plano de trabalho de campo, pois ao acatar dicas (bastante pormenorizadas) de como construir um *Twitter de sucesso* – desde o cadastro de um perfil, sugestões do que escrever, de como se apresentar, de que foto divulgar etc. – mostrou-se, potencialmente, uma tarefa interessante. Sobretudo porque a proposta da realização do campo, substancial para esse trabalho, situou-se no interesse de seguir as possíveis *redes* que eu poderia estabelecer no dispositivo Twitter a partir da *minha* experiência. O que me possibilitou e impulsionou repensar a realização do trabalho, assim como as questões teórico-metodológicas.

Perspectivas teórico-metodológicas

As questões teórico-metodológicas pertinentes a qualquer campo de pesquisa são fundamentais e determinantes para realizações de estudos científicos. Tais questões estão particularmente presentes nas pautas de preocupações e reflexões da antropologia, sobretudo ao

2.1.1. A observação e a presença

se pretender a produção de uma “etnografia” que implica em “observar” para “narrar” ou “descrever”. Portanto, a *maneira*, o *modo* como se observa influencia diretamente na produção do conhecimento antropológico.

A observação e *presença* – para narrar ou etnografar – enquanto marcas distintivas da disciplina são intensificadas a partir do trabalho de Malinowski, especialmente com a obra “Os Argonautas do Pacífico Ocidental”. Como assinala Clifford (1998), ao destacar as distinções da antropologia a partir da pesquisa realizada entre os trobriandeses, a Antropologia passa a contar com métodos ou elementos teórico-metodológicos a fim de pensar seu próprio fazer, dentre os quais: a validação da pesquisa pela estadia no *campo*, a centralização das observações nos próprios nativos, o uso da língua local etc. A partir dessas noções, muitos estudos antropológicos passam a requerer o estatuto de *deslocamento* físico para validação dos trabalhos – a *autoridade etnográfica*. Podemos aferir, desse modo, que as questões teórico-metodológicas próprias da antropologia são constantemente repensadas e *atualizadas*.

Outra grande mudança constitutiva da disciplina é apresentada e discutida por Rifiotis (2002): a expansão do campo de análise e intervenção ocorridas na antropologia nos anos 70-80, quando os antropólogos anunciavam que se dedicariam cada vez mais ao estudo das “sociedades urbano-industriais”. O autor traça um paralelo dessa mudança com as questões e desafios teórico-metodológicos surgidos a partir do estudo das interações mediadas por computador – que são intensificados no final dos anos 90.

Com o surgimento, consolidação e crescente utilização da internet, o *ciberespaço* constituiu-se em uma temática também da agenda antropológica, exigindo, portanto, o repensar teórico-metodológico; sobretudo porque as pesquisas relacionadas a esse tema possibilitam experiências de campo diferenciadas ao não apresentar um *lugar específico*, ao contrário das referências que se costuma encontrar aos trabalhos de antropólogos que passavam meses morando em lugares distantes, vivenciando suas experiências de campo cotidianamente e de maneira muito intensiva.

Uma das principais motivações que levaram à realização desse trabalho foi, portanto e justamente, de ordem teórico-metodológica, situada no interesse de repensar a prática da pesquisa que se pretende antropológica no campo da cibercultura. Afinal, parece-me que pensar o *ciberespaço* é, em primeiro lugar, repensar a teoria e a metodologia. Até porque cada campo / *experiência* no interior do que é chamado de

cibercultura apresentam muitas particularidades em relação a outros temas que podem ser considerados *tradicionais*⁹. Além das especificidades relacionadas à formação, posturas teóricas, subjetividades de cada pesquisador ao vivenciar suas experiências e apresentar percepções, cada dispositivo estudado à luz da cibercultura apresenta gramáticas comunicacionais próprias, dispõe de possibilidades técnicas específicas e *exige* competências para usos (por mais que possam ser exercidos de muitas maneiras diferentes) também específicas. Portanto, refletir acerca do Twitter, como se pretendeu, significou empreender estratégias metodológicas nos termos de possibilidades de usos que o próprio Twitter poderia suscitar, de maneira que o próprio dispositivo no qual concentrei minhas reflexões foi determinante para o modo *como* pude fazê-las, de modo que muito do alcance do que fiz está intimamente relacionado ao alcance que o Twitter me *permitiu*.

A realização do trabalho se deu, enfim, a partir da minha experiência com a utilização do Twitter. Dessa maneira, uma das preocupações centrais que procurei manter foi com as “notas de campo”, seguindo algumas orientações apresentadas no livro *Writing Ethnographic Fieldnotes* (EMERSON et al. 1995): dispensar cuidado ao escrever as notas de campo para fazê-lo com o máximo possível de riqueza nos detalhes; procurar torná-las uma atividade auto-reflexiva que pudesse auxiliar na problematização das próprias ações ao ler seu diário de campo para a escrita do relatório final; e, procurar manter em foco a perspectiva de que registrar o observado envolve processos de seleção, ou seja, ao escrever sobre determinados aspectos outros são deixados de lado. Portanto, o trabalho foi baseado em *minha* experiência, afinal, “descriptions involve issues of perception and interpretation, different descriptions of ‘the same’ situations and events are possible” (*idem*, p. 5). As arguições apresentadas estavam, desse modo, relacionadas e fundamentadas a partir das experiências que vivenciei ao desenvolver o campo, que, por sua vez, estavam intrinsecamente ligadas às minhas percepções, aspectos que mais chamaram a minha atenção, minhas interpretações do que observei, minha subjetividade.

Outra preocupação que procurei centralizar é *como escrever* (*idem*). Afinal, ao refletir sobre *como escrever* está-se, automaticamente, pensando também nos aspectos metodológicos. Decidir a linguagem, formatação, estrutura de um texto que se pretende acadêmico é assumir perspectivas teóricas. É demonstrar a

um possível leitor – e permiti-lo perceber – como a sua experiência foi construída. E, portanto, *como* se chegou a determinado texto final.

Descrevendo e rastreando modos de experienciar

Percebe-se, ao ler trabalhos com temáticas da cibercultura, que ao tratar das inovações técnicas e interações sociais engendradas a partir delas, normalmente o técnico é *isolado* do social¹⁰. É (quase) usual que cada uma dessas instâncias seja percebida em separado e de maneira independente. O que se pretendeu adotar nesse trabalho foi uma postura a partir de outra perspectiva, que pudesse permitir *rastrear* as interações considerando o técnico e o social em concomitância.

Ao se propor uma reflexão acerca da internet que não considere o social em detrimento do técnico e vice-versa, é interessante considerar a noção de *redes sociotécnicas* (Latour, 2008). Essa noção é imprescindível a fim de perceber objetos não humanos, além dos humanos, que interajam produzindo modificações. Considerando, sobretudo, que ao pensar nos usos (a partir) do Twitter vários *objetos* específicos (computador, celular, internet, teclado, conexão, senhas etc.) ocupam e desempenham papel imprescindível e determinante em muitos aspectos. Para ilustrar essa abordagem pode-se citar um dos exemplos mais emblemáticos: sem estar conectado à internet e estando fora da área com sinal para telefones móveis¹¹ o uso do Twitter fica inviabilizado, já que suas possibilidades de interação são a partir das conexões de internet.

Nesse sentido, Segata (2008, p. 10) argumenta que

humanos e não-humanos formam coletivos assim coletivos, onde ambos são simetricamente dotados de agência. Isso implica, por alto, em se abrir para pensar que o próprio computador, a tela, as teclas, os *sites*, os *softwares*, os *hardwares* e tudo aquilo que não é humano são antes de tudo agentes nessas associações e não apenas cenários, ou meios para relações entre sujeitos humanos.

Procurou-se, portanto, observar essa noção de compreender os humanos e não-humanos como coletivos dotados simetricamente de potência de agência. De modo que, a partir de uma perspectiva *sociotécnica*, evidencia-se a importância de considerar com igual *status* os fenômenos sociais e técnicos no interior da temática proposta; bem como pensar nos termos de uma *traçabilidade do social*¹², procurando identificar os *traços* (*rastros*) deixados.

Considera-se fundamental, portanto, esse ponto de vista apresentado por Latour (2008) de que os *não-humanos* também podem ser considerados atores¹³ e não simplesmente portadores de uma projeção simbólica. Torna-se necessário, portanto, sob essa ótica, também dispensar *agência* à internet e / ou a outros *dispositivos* que se percebam dotados de agência ao longo da descrição.

Considera-se aqui imprescindível a noção de dispositivo como “qualquer coisa que tenha de algum modo capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres vivos”, desenvolvida e apresentada por Giorgio Agamben no texto “O que é um dispositivo?” (2005, p. 13). Os dispositivos, no sentido desenvolvido pelo filósofo italiano são *produtivos*, produzem efeitos que não conseguem controlar. Agamben também apresenta duas classes de sujeitos no mundo: dispositivos seres vivos e dispositivos seres não vivos; tal contribuição aproxima-se da discussão realizada por Latour em relação aos objetos humanos e não-humanos, e que ambos sendo considerados dispositivos ambos são dotados de potência de *agência*¹⁴.

O intento de procurar dispensar agência tanto a humanos quanto não-humanos¹⁵ estava inserido no esforço de superar a dupla separação moderna entre humanos e não-humanos, procurando simetria total entre eles, como demonstra Freire (2006), em seu artigo “Seguindo Bruno Latour: notas para uma antropologia simétrica”, no qual apresenta um levantamento de algumas das questões mais relevantes das perspectivas teóricas de Bruno Latour, bem como uma sistematização e introdução ao pensamento do autor. Freire afirma, nesse sentido, que “Latour propõe em seus trabalhos uma abordagem pragmática que não seja centrada nem só no técnico, nem só no social, mas capaz de respeitar a dinâmica não hierárquica e não linear de suas relações” (op. cit., p. 50).

Partindo desses pressupostos entendo, entretanto, que não se pode considerar a “rede” estabelecida de antemão, não se pode considerá-la uma *entidade* fixa, previamente estabelecida, independentemente das experiências individuais e passível de uma *explicação*. A respeito das possíveis redes, Segata (2008, p. 7) lembra que

as redes não são um meio para transportar algo de maneira intacta, elas são transformadas e transformam o que por elas passa, já que o que passa, também associa e gera efeito. [...] Acentue-se aqui o

potencial de ação presente nas redes, onde humanos e não-humanos estariam agindo, transformando, traduzindo-se mutuamente.

De modo que a “rede” é remetida aqui a fluxos, circulações e alianças, nas quais os atores envolvidos interferem e sofrem interferências constantes (Freire, 2006). Considerei, portanto e de acordo com uma perspectiva sociotécnica, ser fundamental a *descrição*¹⁶, pois ela permite que se percebam na rede – de minha experiência¹⁷ – atores que não estavam previstos, notar as modificações, transformações.

Em confluência com esses pressupostos, considerou-se válido e coerente realizar o trabalho a partir de algumas noções que a Teoria Ator-Rede (TAR), desenvolvida por Latour, preconiza. Sobretudo no sentido de que na TAR “metodologicamente, trata-se de seguir as coisas através das redes em que elas se transportam, descrevê-las em seus enredos” (LATOURE, 2004, p. 397). Partindo-se dessa perspectiva, “na abordagem da TAR trata-se então de enfatizar os fluxos, os movimentos de agenciamento e as mudanças por eles provocadas” (FREIRE, 2006, p. 56). Latour afirma que não se pode entender a TAR como um “quadro teórico” que pode ser aplicado, mas como uma maneira de estudar as coisas, “como deixar os atores terem espaço para se expressarem por eles mesmos” (*idem*). É nesse sentido que se propôs uma abordagem inspirada na TAR: pelo dinamismo – de deixar “os atores expressarem-se por eles mesmos” – de perceber os acontecimentos por eles mesmos.

O social só é rastreável, segundo Latour (2008, p. 227), quando está experimentando modificações, quando há novas associações. Portanto, metodologicamente, só é possível *traçar, seguir, descrever* quando não se estabiliza e torna fixa a rede (*objeto*) que se está estudando, quando permitimos que os próprios atores nos apontem as suas *controvérsias* e quando tivermos consciência de que estamos descrevendo a *nossa* experiência pessoal estabelecida a partir de uma rede criada e mantida por nós mesmos.

Realizar estudos e trabalhos adotando tais perspectivas teórico-metodológicas significa, portanto, ao considerar a *rede* enquanto *experiência*, admitir que a *rede* esteja (também) no pesquisador e, dessa maneira, pelo tempo que estiver realizando a pesquisa, conforme Jean Segata sugeriu¹⁸. Significa também assumir o compromisso e a tarefa – que tantas vezes Latour (2008) alerta ser difícil – de organizar a narrativa das experiências estabelecidas em um esforço literário que permita considerar os atores, inclusive aqueles

que não haviam sido identificados de antemão e que ao invés de *supor* a *rede*, caminhe-se sobre ela.

Considerações sobre o Twitter – de minha experiência

O central da minha experiência de campo, como já explicitado, foi procurar seguir o “plano de 30 dias para dominar o Twitter” presente no livro-guia. O objetivo que os autores explicitam para esse plano é “tornar um perfil do Twitter poderoso”, o que seria caracterizado por conseguir e manter muitos seguidores, ou seja, conquistar a adesão de outros participantes. Minha pretensão, entretanto, não estava pautada em alcançar um número expressivo de seguidores ou construir um “Twitter poderoso”, mas sim experimentar – através da minha participação no Twitter – alguns modos e possibilidades de usos e construção de um perfil a partir da visão “expert”¹⁹ apresentada no livro-guia. Tal postura vai ao encontro do que Maria Elisa Máximo sugeriu²⁰ de ser interessante pensar a produção do ciberespaço do ponto de vista dos sujeitos, ou seja, pensando na *experiência cotidiana*. Desse modo, e procurando observar uma perspectiva sociotécnica, procurei participar das dinâmicas desse dispositivo a partir da experiência, que se tornou cotidiana, de seguir as sugestões apresentadas no livro-guia.

A partir da *rede* que *trac*ei e *segu*i procurando realizar as sugestões de Comm e Burge presentes no seu “plano de 30 dias para dominar o Twitter”, foi possível perceber algumas características do Twitter que se destacaram de maneira proeminente a partir da minha experiência.

Uma das características do Twitter, que parece ter um grande destaque, é o fato de ser uma “plataforma de comunicação em tempo real”, como Comm e Burge conceitualizam: a maioria dos tweets trocados tem *valor* no momento em que são escritos. Dificilmente um “tweet antigo” é recuperado, a não ser pelo retweet, que me pareceu ser uma das poucas maneiras de manter um tweet circulando nas *redes* por mais tempo. Ou seja, um tweet é retweetado quando apresenta algum aspecto ou informação que algum participante considerou que vale a pena ser mantido como “atual” por mais tempo, afinal, parece que no Twitter o mais recente atual é o mais interessante, é o que vale ser difundido. Em minha experiência, ao decidir que procuraria ler todos os tweets que fossem escritos e chegassem à minha página inicial – através dos participantes que eu seguia –, percebi o quanto é difícil, trabalhoso e tedioso procurar ler as mensagens twittadas há

mais tempo. A instantaneidade e imediatismo, portanto, são uma das principais características desse dispositivo que se insere na lógica que Michel Maffesoli chama de “presenteísta”, ou seja, o que é mais relevante é o que está acontecendo no momento presente. De modo que, nesse instante, o tweet mais importante é aquele mais atual, aquele que acabou de ser twittado.

Pode-se destacar também no Twitter uma *gramática comunicacional própria*, pois, apesar de conter muitos *links* nos tweets, que remetem a imagens, vídeos ou músicas, o principal código utilizado é o textual. Máximo demonstrou, a partir de um estudo com as listas de discussões eletrônicas, que

a dinâmica de interação da Cibercultura dá origem a um sistema simbólico que, em última instância, deve ser apreendido pelos participantes como indicador de pertença ao grupo. O conjunto desses códigos envolve regras de “como falar”, “o que falar” e “quando falar” que sinalizam a *competência comunicativa* necessária para interagir na lista e ser considerado membro do grupo (2003, p. 9, grifos da autora).

No Twitter também há algumas *competências comunicacionais* que acabam por formar uma *gramática comum*. Como, por exemplo, os indexadores de conteúdos – as *hashtags*, indicadas pelo símbolo # na frente da palavra que cumprirá o papel de *tag* (etiqueta) – que acabam por tornar possível a formação de *redes específicas* para tratar de determinado assunto. Um exemplo que já está se tornando “clássico” foi na semana em que foi noticiada a morte do astro pop Michael Jackson, durante vários dias umas das “etiquetas” mais utilizadas para os tweets era #michaeljackson; o mesmo também ocorreu com os terremotos do Haiti ou com algumas espécies de “filosofias cotidianas” presentes no Twitter como #pensei; #prontofalei; #vouconfessarque, etc., os exemplos são inúmeros. Esses indexadores, além de “qualificar” um tweet com determinado assunto, auxilia nas buscas de informações e notícias. Além de poder acompanhar quais os assuntos mais comentados a partir do *trending topics* – uma espécie de *ranking*, que aparece abaixo das informações do contato, na lateral direita da página inicial, do que se está mais falando naquele momento.

Outra característica central é a *mobilidade*. As possibilidades de utilizar o Twitter a partir de dispositivos móveis são muito grandes e correntemente utilizadas. Podemos fazer uma correlação com a comparação dos tweets e SMS apresentada logo no início do livro de

Joel Comm e Ken Burge. Parece haver também uma distância geracional, nas competências técnicas necessárias para utilização dos recursos de envio de mensagens pelo celular.

Evidencio, portanto, que, além das inúmeras características e possibilidades experienciadas ao longo do trabalho de campo, as características acima apresentadas podem ser consideradas como centrais, ao menos a partir das interações que desenvolvi. Desse modo, a possibilidade do conteúdo do Twitter ser “aberto” aos que não tem cadastro no dispositivo, a valorização do que é imediato, a “indexação de conteúdos” a partir das *hashtags* e mobilidade, são centrais nas interações compartilhadas a partir do Twitter.

Esse conjunto de características / possibilidades podem nos indicar modos de ser e valores dos – ou da maioria dos – “sujeitos contemporâneos”. Esses sujeitos (nós, ou alguns de nós) que estão inseridos em uma lógica fluída baseada na agilidade, de modo que “tudo” precise ser feito rapidamente, encontram no Twitter um espaço de atuação, comunicação, interação intensas e imediatas, afinal ler 140 caracteres é muito mais rápido. Mas é preciso observar que escrever, produzir 140 caracteres nem sempre significa rapidez, pois *pensar* e expressar-se de forma tão resumida muitas vezes exige um esforço de sistematização, o que pode ser um tanto demorado.

Considerações sobre a minha experiência

Ao desenvolver minha participação no Twitter e procurar problematizá-la como um trabalho de campo estritamente ligado às minhas experiências, estratégias de campo, noções teórico-metodológicas, leituras prévias, perspectivas etc., foi possível, conforme já explicitado, perceber alguns modos de atuar e interagir a partir do Twitter. Tais percepções não teriam sido factíveis caso eu tivesse me disponibilizado a observar e descrever algum evento isolado a partir do Twitter, ou procurado explicar esse dispositivo à luz de alguma teoria específica que “desse conta de uma totalidade” das interações possibilitadas a partir do Twitter. De modo que as interações que procurei descrever só foram possíveis – ao menos da forma que foram apresentadas aqui – através da tentativa, esforço e disposição de (re)pensar aspectos teórico-metodológicos. O que significou assumir reflexões (e dúvidas) que exigiram, muitas vezes, pensar a própria escrita, *como* registrar o que se considerava relevante, por ser necessário considerar alguns aspectos relevantes em detrimento de outros que acabariam por não aparecer, enfim,

(re)pensar-me a mim mesma no interior dessa experiência, do trabalho ensaiado aqui. No entanto, aceitar e colocar-me esse *desafio* abriu-me para a tarefa de *experenciar* um *campo* conforme ele ia acontecendo, ao invés de procurar no *campo* aspectos que pudessem explicar categorias e interações pressupostas anteriormente.

Sem dúvida tais noções possibilitaram o desenvolvimento de um trabalho no qual se pretendeu observar as perspectivas sociotécnicas, bem como algumas perspectivas da Teoria do Ator-Rede. Tem-se consciência, portanto, que tais diretrizes não foram evidenciadas ou “aplicadas” durante todas as etapas da experiência e escrita do trabalho. Manter uma descrição sociotécnica e procurar observar todos os possíveis atores – humanos e não-humanos – dotados de agência constitui-se em uma tarefa bastante difícil, afinal estamos (ou estou) muito acostumados a pensar as relações a partir de sujeitos humanos e entre sujeitos humanos, esquecemos e invisibilizamos as dimensões técnicas que nos possibilitam – ou nos fazem – fazer muitas coisas. E também, parece-nos uma tarefa deveras complexa dispensar agência a atores não-humanos, aceitar que “objetos” modifiquem e determinem, em alguns níveis, nossas relações, interações. Novas tecnologias, novas maneiras de atuar no mundo e, conseqüentemente, novos atores estão cada vez mais presentes em nossos cotidianos e, no entanto, parece cada vez mais difícil vê-los. Talvez por isso (também) eu não tenha cumprido efetivamente a tarefa a que tinha me proposto neste trabalho e tenha automatizado e naturalizado algumas dimensões que precisam ser refletidas, problematizadas. No entanto, o esforço de olhar e procurar perceber outros atores, outros modos de interação, ensinou-me que há outras possibilidades de atuação no mundo. Que podemos olhar repetidamente para as mesmas coisas e, de repente, *ver* o que parecia “invisível” ou “automatizado”.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo? In: **Outra Travessia**, n 5. Florianópolis: Curso de Pós-Graduação em Literatura, 2005.

COMM, Joel. BURGE, Ken. **O poder do Twitter: estratégias para dominar seu mercado e atingir seus objetivos com um *tweet* por vez**. São Paulo: Editora Gente, 2009.

EMERSON, Robert. M.; FRETZ, Rachel I.; SHAW, Linda. **Writing Ethnographic Fieldnotes**. Chicado: University of Chicago, 1995.

FREIRE, Letícia Luna. Seguindo Bruno Latour: notas para uma antropologia simétrica. **Comum**, v. 11, n. 26. Rio de Janeiro, 2006.

GUIMARÃES Jr., Mário J. L. **O ciberespaço como cenário para as ciências sociais**. 1999. Disponível em: <http://www.cfh.ufsc.br/~guima/papers/ciber_cenario.html#n7>. Acesso em 18 jul. 2009.

LATOURE, Bruno. Por uma antropologia do centro (entrevista do autor à revista). **Mana**, v. 10, n.2, 2004, p. 397-414.

_____. Rendre Le social à nouveau traçable. In : **La chronique de Bruno Latour**, 2007.

_____. **Reensamblar lo Social**. Buenos Aires: Manantial, 2008.

MÁXIMO, Maria Elisa. Compartilhando *regras de fala*: uma análise da dinâmica de interação na lista eletrônica de discussão CIBERCULTURA. **Antropologia em Primeira Mão**, PPGAS / UFSC, Florianópolis, 2003.

RIFIOTIS, Theophilos. Antropologia do Ciberespaço. Questões teórico-metodológicas sobre pesquisa de campo e modelos de sociabilidade. **Antropologia em primeira mão**, n. 51. Florianópolis: PPGAS, 2002.

_____. Apresentação. In: SEGATA, Jean. **Lontras e a Construção de Laços no Orkut**. Rio do Sul: Nova Era, 2008.

_____. Duas ou três coisas sobre elas, as comunidades virtuais. In: **Anais do XXVII Encontro Anual da ANPOCS**, Caxambú, 2003.

SEGATA, Jean. Entre Sujeitos: o ciberespaço e a ANT. In: II Simpósio Nacional de Pesquisadores em Cibercultura, 2008, São Paulo. **Anais do Evento**, 2008.

SPECK, Felipe. **O que você está fazendo?** Um estudo da socialidade no Twitter. Florianópolis, 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Departamento de Jornalismo.

O'Reilly, Tim. MILSTEIN, Sarah. **Desvendando o Twitter:** O guia definitivo da ferramenta que está revolucionando a comunicação em todo o mundo. São Paulo: Universo dos livros, 2009.

¹Vinculado ao GrupCiber e sob orientação do Professor Dr. Theophilos Rifiotis

²Disponível no site da ABCiber <http://abciber.org.metas_objetivos1024.html>, acessado em 05/09/09.

³Disponível em: <http://www.cfh.ufsc.br/~guima/papers/ciber_cenario.html#n7>, acessado em 10/06/09.

⁴Rifiotis (2003) nos lembra que no estudo das interações mediadas por computador a Antropologia tem se defrontado com uma série de desafios teórico-metodológicos, e que as interrogações suscitadas por esses desafios reafirmam a necessidade de aprofundarmos os debates em torno dos problemas cruciais da disciplina, podendo avançar, assim, a compreensão da natureza do conhecimento antropológico.

⁵<www.twitter.com>.

⁶Tal definição é apresentada no livro intitulado “Desvendando o Twitter – O guia definitivo da ferramenta que está revolucionando a comunicação em todo o mundo”. Há, no mercado editorial, uma grande quantidade de “livros-guia” sobre o Twitter.

⁷Pois é possível compartilhar mensagens também a partir de telefones celulares.

⁸O livro situa-se em um mercado editorial voltado principalmente para auto-ajuda, carreira, negócios e espiritualidade. Diz-se – na contracapa – indicado tanto para o leitor que objetiva ampliar a rede de relacionamentos pessoais, quanto para quem quer explorar a internet por meio do Twitter como uma nova forma de fazer negócios. Dessa maneira, o livro tem uma conotação bastante explicitada de *guia*, de como aproveitar o Twitter para, principalmente, ampliar os negócios – sejam eles quais forem. Um dos últimos capítulos do livro apresenta um plano para “dominar o Twitter em 30 dias” que consiste em um “passo a passo” para montar o que o autor chama de um “Twitter de sucesso”.

⁹Entendendo por *tradicionais* aqueles temas que podem possibilitar que as experiências de campo se dêem principalmente em lugares específicos, que exijam algum deslocamento físico, como instituições públicas, escolas, bairros etc.

¹⁰Conforme demonstrou Rifiotis na mesa redonda intitulada “Antropologia no ciberespaço: fundamentos teórico-metodológicos da cibercultura” apresentada no II Simpósio da ABCiber no ano de 2008, o vídeo da mesa redonda está disponível em <http://www.cencib.org/simposioabciber/anais/mesas/videos/?autor=Theophilos_Rifiotis>. Para o autor, apesar de se afirmar realizar trabalhos com caráter “sociotécnico”, comumente termina-se por excluir os objetos – não-humanos – de nossas análises e acabamos por instituir agência apenas aos sujeitos humanos.

¹¹Levando-se em conta, obviamente, que para acessar a internet a partir de um aparelho celular é necessário que esse aparelho tenha tecnologia que permita tal acesso.

¹²Para Latour (2007, p. 88) as novas formas de traçabilidade surgidas nos últimos quinze anos “consistent pour l’essentiel à identifier la « trace » que les membres des sociétés développées laissent derrière eux par le simple fait d’utiliser une technique numérique quelconque”.

¹³Considerando que para Latour (2008), ator é aquele ou aquilo que produz diferença. O autor também utiliza o termo *actante*, para marcar a diferença do termo *ator*, que nos usos mais correntes envolve apenas humanos.

¹⁴É a partir dessa perspectiva que o Twitter foi considerado um dispositivo.

¹⁵ Na medida em que as agências forem sendo percebidas ao longo da experiência.

¹⁶ Considerando-se aqui que a descrição pode ser entendida como uma categoria de análise.

¹⁷ Uma vez que a “rede”, ou as redes, que estabeleci estão intrinsecamente relacionadas aos contatos que tive, competências técnicas que desenvolvi, dispositivos que acionei, enfim, os “caminhos que percorri”.

¹⁸ Em aula que ele participou no dia 11/09/2009, na disciplina “Cibercultura e redes sociotécnicas” ministrada pelo Professor Theophilos Rifiotis na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

¹⁹ No sentido de que os autores colocam-se, ao escrever o livro, em uma posição de conhecedores das dinâmicas e possibilidades de uso a partir do Twitter.

²⁰ Em aula que ela proferiu no dia 04/09/2009, na disciplina “Cibercultura e redes sociotécnicas” ministrada pelo Professor Theophilos Rifiotis na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).